BOM-CRIOULO: UMA OBRA DE VANGUARDA

“Tem a ver o papo

de que sou o pai

que você não teve.

Faça-me de pai,

de mãe e de quantos

Irmãos necessite

O seu desamparo”

(Valdo Mota, “Waw” – 1996)

“Salve, o Navegante Negro que tem por monumento,as pedras pisadas no cais”.

(BLANC, Aldir, “ O mestre-sala dos mares”)

I - INTRODUÇÃO

Adolfo Ferreira Caminha, também conhecido por Félix Guanabarino, seu pseudônimo, foi matriculado por um tio na Escola de Marinha. Em 1886 fez uma viagem de instrução militar aos Estados Unidos a qual lhe inspirou o tema do romance *Bom-Crioulo*, revelando a sua experiência de vida no mar. Ainda oficial da Marinha, publica na Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, com a sua assinatura, um veemente artigo de protesto aos castigos corporais a bordo dos navios de guerra. E faz pública a sua profissão de fé republicana. Regressa a Fortaleza, envolvendo-se em grande escândalo quando rapta a esposa de um alferes. Anos depois, após muita pressão, demite-se da Marinha e parte com a mulher e duas filhas para o Rio de Janeiro, tornando-se funcionário público.

O enredo de *Bom-Crioulo* baseia-se num fato real que causou escândalo no Rio de Janeiro do século XIX. Assim, a história contada no romance faz eco à postura de engajamento proposta na época: o compromisso com a análise, a crítica e a denúncia social.

Em *Bom-Crioulo* veremos que a ruptura com a ordem estabelecida não é propriedade de um sujeito moral que delibera e age contra as aparências, em favor da autenticidade. Caminha quer provar que o sujeito é social ou anti-social conforme ordena sua natureza animal.

Mas por que *Bom-Crioulo* pode ser considerada uma obra de vanguarda?

Nos fins do século XIX, o homossexualismo vivia sua era científica de culpa, vergonha e maldição. Antes pecado contra a alma, era, agora, aberração moral, psíquica e cívica.

Na obra em questão veremos que apesar de Caminha não estar inserido na cúpula dos melhores escritores, principalmente por causa da morte prematura, ocorrida aos vinte e nove anos, seu melhor livro aborda um tema bastante

polemizador: o homossexualismo masculino entre dois marinheiros. E ele o faz com maestria, segurança, com recursos perfeitos de verossimilhança. A voz do narrador não discrimina a prática da homossexualidade, ao contrário, tenta nos passar com naturalidade o assunto. Não defende a causa homossexual, mas também não condena. Antes, mantém-se naquela posição de frieza. A impressão que se tem é que o romance é contemporâneo por abordar de forma solta, leve e inteligente um dos temas mais instigantes dos últimos tempos.

O personagem principal, Amaro, nunca entendeu sua paixão sensual e tresloucada pelo grumete como índice negativo de sua virilidade. Cedia a seu desejo como cedia à fome, sem fazer de sua preferência sexual algo contra sua identidade masculina. Curiosamente para um romance marcado pelo Naturalismo, segundo os críticos brasileiros, o discurso amoroso, transita da fúria erótica, apresentada por metáforas animalescas, afirmadora da cisão entre masculino e feminino, a uma representação mais próxima do Romantismo, tal a adoração e devoção que Amaro vota a Aleixo, que culmina num final trágico de grandes estórias de amor. É disso que se está falando, de um amor mais forte que o desejo e que a própria vida. Esta seria já uma grande vitória do romance, que ultrapassa os preconceitos de uma época e de uma sociedade marcada pela hipocrisia e pelo falso moralismo.

Por outro lado, Caminha utiliza toda sua experiência, entrelaçando a questão do comportamento sexual com as chibatadas sofridas pelos marinheiros brasileiros. A “chibata”, na verdade, fora herdada no Brasil da Marinha Portuguesa, mantida depois pelos oficiais ingleses, os primeiros comandantes da nossa esquadra naval. Os castigos tinham a função de educar na marra os supostos maus elementos que compunham os quadros inferiores da Marinha. No romance, a explicação sociológica é nítida: os homens brutalizados pela profissão compensam sua vida miserável na única opção possível, a afetiva. É o que lhes sobra do livre-arbítrio, e é na conduta sexual que o aplicam.

II – DESENVOLVIMENTO

II.I - A INFLUÊNCIA DA MARINHA BRASILEIRA E DOS CASTIGOS CORPORAIS NA CONSTITUIÇÃO DE AMARO (BOM-CRIOULO)

A Marinha brasileira havia sido relegada ao abandono depois da Guerra do Paraguai, que durou de 1865 a 1870. Sem atritos externos e não havendo mais os constantes problemas internos, como a Revolução Federalista e a Revolta da Armada, o governo praticamente parou de investir no reaparelhamento da frota de guerra.

Nos governos de Campos Sales e, sobretudo, Rodrigues Alves, quando as finanças do país ficaram em ordem, resolveram os ocupantes do Palácio do Catete investir numa frota e saíram de um extremo para outro.

O Brasil encomendou aos ingleses, de uma só vez, dois encouraçados, três cruzadores encouraçados, seis caça-torpedeiros, seis torpedeiros, seis torpedeiros menores, três submarinos e um navio carvoeiro.

A compra desses navios colocou o país em posição de destaque internacional, passando o Brasil a ser a terceira potência naval do mundo. Ocorre que não havia nenhuma guerra iminente e, portanto nenhuma razão aparente para a aquisição.

Os marinheiros, por sua vez, consideraram a compra uma afronta, perante a situação de penúria a que estavam relegados, com salários defasados e péssimas condições de trabalho a bordo. Os gastos astronômicos com os novos navios adiavam, uma vez mais, o proclamado plano de carreira que elevaria os soldos dentro da Marinha.

A reposição da esquadra, entretanto, não foi acompanhada por um reaparelhamento nos quadros da Marinha. A maior parte de seus elementos ainda era recrutada pela polícia, sendo formada principalmente por analfabetos, controlados por um regime disciplinar desatualizado, na base da chibata.

A insatisfação e revolta irá formar entre os marinheiros um comando-geral, que se reunia nos porões para discutir o que fazer contra os maus-tratos. De tais reuniões chegou-se à conclusão de que o início do movimento teria início na noite de 22 de novembro de 1910, sob a liderança de João Cândido, o Almirante Negro.

É interessante observar que o líder da Revolta da Chibata é filho de ex-escravos e que a Marinha, nessa época, com dificuldade de preencher seus quadros, é o destino da escória da sociedade e serve como castigo aos jovens indisciplinados, que podem ingressar muito cedo na vida militar.

O mesmo acontece com Amaro, o Bom-Crioulo, um escravo, um negro fugido, com ânsia de liberdade, ingressa-se na Marinha. No entanto, convém lembrar que apesar do livro ter sido publicado em 1895, portanto, bem antes da revolta dos marinheiros no Rio de Janeiro, há uma relação de similitude entre a figura do herói da Revolta da Chibata e o personagem principal da obra de Caminha.

"*Inda estava longe, bem longe a vitória do abolicionismo, quando Bom-Crioulo, então simplesmente Amaro, veio, ninguém sabe donde, metido em roupas d'algodãozinho, trouxa no ombro, grande chapéu de palha na cabeça e alpercatas de couro cru. Menor (teria dezoito anos), ignorando as dificuldades por que passa todo homem de cor em um meio escravocrata e profundamente superficial como era a Corte ___ ingênuo e resoluto, abalou sem ao menos pensar nas conseqüências da fuga". (CAMINHA,17)*

"No mesmo dia foi para a fortaleza e, assim que a embarcação largou do cais a um impulso forte, o novo homem do mar sentiu pela primeira vez toda a alma vibrar de uma maneira extraordinária como se lhe houvessem injetado no sangue de africano a frescura deliciosa de um fluido misterioso. A liberdade entrava-lhe pelos olhos, pelos ouvidos, pelas narinas, por todos os poros, enfim, como a própria alma da luz, do som, do odor e de todas as coisas etéreas". (CAMINHA,17)

Torna-se imprescindível esclarecer que Amaro, ex-escravo que se torna hábil marinheiro, dedicado ao trabalho, vendo na pesada atividade uma situação muito melhor que antes: afinal era livre e “a disciplina militar, com todos os seus excessos, não se comparava ao penoso trabalho da fazenda, ao regime terrível do tronco e do chicote”. Além disso, “ali não se olhava a cor ou a raça do marinheiro: todos eram iguais, tinham as mesmas regalias”. Seu relacionamento com os superiores e os companheiros reflete essa boa disposição e ele logo conquista a todos, sendo por isso chamado, pelos próprios oficiais, de “Bom-Crioulo”. Não obstante é possível também perceber que, se há “crioulo bom”, tal fato remete à concepção de que a cor da pele não era bem vista: resquícios da marginalidade em que viveram os escravos.

Em determinadas cenas o narrador é um mestre perfeito de seu ofício, notadamente quando, com a mesma pena revoltada com que escrevera o artigo de protesto às torturas corporais na Marinha, descreve o negro Amaro castigado a chicotada, até que seu corpanzil desaba no chão sob a ponta do azorrague que o banhou de sangue. Tais cenas se assemelham a um fato real, acontecido posteriormente, a 16 de novembro de 19l0, quando o marinheiro Marcelino Menezes foi castigado por ferir a navalhadas o cabo Valdemar Rodrigues de Souza, que o havia denunciado para tentar introduzir no navio duas garrafas de cachaça. Sua pena foram 250 chibatadas. Durante o castigo, Marcelino desmaia de dor, mas a surra continua. Ao fim das 250 chibatadas, suas costas estão banhadas em sangue, lanhadas de cima a baixo. Desacordado, ele é desamarrado, embrulhado num lençol e levado aos porões. Lá, jogam iodo em suas costas e o deixam estrebuchando no chão.

“*Bom-Crioulo tinha despido a camisa de algodão, e, nu da cintura pra cima, numa riquíssima exibição de músculos, os seios muito salientes, as espáduas negras reluzentes, um sulco profundo e liso d’alto a baixo no dorso, nem sequer gemia, como se estivesse a receber o mais leve dos castigos.*

Entretanto, já iam cinqüenta chibatadas! Ninguém lhe ouvira um gemido, nem percebera uma contorção, um gesto qualquer de dor (...) De repente, porém, Bom-Crioulo teve um estremecimento e soergueu um braço: a chibata vibrara em cheio sobre os rins, empolgando o baixo-ventre. Fora um golpe medonho, arremessado com uma força extraordinária." (CAMINHA,16)

"(...)Bom-Crioulo emudeceu profundamente sob os golpes da chibata. Apanhou calado, retorcendo-se a cada golpe na dor imensa que o cortava d'alto a baixo, como se todo ele fosse uma grande chaga aberta, viva e cruenta...Morria-lhe na garganta um grunhido estertoroso e imperceptível, cheio de angústia, comprimido e seco; dilatavam-se-lhe os músculos da face em contrações galvânicas; o sangue, convulsionado, rugia dentro, nas artérias, no coração, no íntimo da sua natureza física, palpitante, caudaloso, numa pletora descomunal!" (CAMINHA,55-56)

II.2 – O HOMOSSEXUALISMO MASCULINO EM BOM-CRIOULO

Vários livros publicados nos últimos anos têm sugerido que a homossexualidade seria uma invenção do século XIX. Isso não quer dizer que antes não havia homossexuais, porém conheciam-se apenas comportamentos homossexuais, ligados a determinadas faixas etárias ou a determinadas circunstâncias, que não excluíam, nesses homens, práticas heterossexuais concorrentes.

É sabido que o aparecimento de uma moral sexual rigorosa, apoiada em uma concepção filosófica do mundo como o cristianismo a desenvolveu e vem mantendo até os nossos dias, favoreceu uma definição mais estrita da "sodomia".

No final do séc. XVIII e no início do séc. XIX, ele se torna um monstro, um anormal, herdando essa espécie de maldição: era a um só tempo um anormal e um perverso, sempre efeminado. Esse anormal era suspeito, justamente por causa de sua

anormalidade, de poder se tornar um perverso, um delinquente. Perversos seriam, pois, na época, todos aqueles que não cumprissem à risca as normas de conduta da sociedade, todos os que ousassem desafiar a ordem buscando satisfação em sexualidades não rentáveis e não utilitárias. Toda prática sexual que não correspondesse ao seu objetivo natural - isto é, procriação - deve ser encarada como perversa.

No séc. XX, os homossexuais abandonam a um só tempo a clandestinidade e a perversão para reivindicar direitos, principalmente para afirmarem sua normalidade. Daí o modelo de homossexual viril substituir o tipo efeminado.

A ciência tem feito descobertas incríveis nesse campo, como a dos arqueólogos austríacos que encontraram na fronteira da Áustria com a Itália, nos Alpes, um corpo congelado datando de 14000 anos atrás. Tratava-se de um guerreiro da idade da pedra, que estava perambulando pelos Alpes quando deve ter sido pego por uma nevasca e sucumbiu. Graças às baixas temperaturas, o guerreiro, que pelas tatuagens pôde também ser identificado como chefe da tribo, foi preservado intacto. Estudos minuciosos concluíram que se tratava de um homossexual, pois haviam resquícios de esperma, com características sangüíneas diferentes da sua, em seu reto. Isto remete que o homossexualismo era natural da espécie humana (assim como é aos leões) antes do aparecimento da cultura Judaico-Cristã.

Nos tempos atuais, não são mais nem médicos nem padres que fazem da homossexualidade uma categoria à parte: são os próprios homossexuais que reivindicam sua diferença, e que assim se opõem ao restante da sociedade, ao mesmo tempo que lutam por seus direitos.

Normalmente o sentimento está também presente nos relacionamentos homossexuais, contudo fica reportado para após o período de atividade sexual, já que a maioria dos relacionamentos homossexuais não duram muito tempo.

Na romance em questão, hoje elogiado dentro e fora do Brasil, como uma obra prima pioneira, a representação da homossexualidade adquire um elemento central da

narrativa e não só como um dado circunstancial ou estereotipado como vamos ver em tantas outras obras na literatura brasileira pelo século XX adentro.

Pode-se compreender o teor científico e os motivos que levaram Adolfo Caminha a descrever, em uma das primeiras cenas de *Bom-Crioulo*, as práticas solitárias dos marinheiros a bordo. A masturbação é apontada pelas teorias da época como mais perigosa do que as demais anomalias, porque é tida como a principal causadora de tais distúrbios. O “crime de lesa-natureza” constitui-se, evidentemente, no uso do corpo em nome apenas do prazer e não a favor da reprodução e da propagação da espécie. É compreensível, portanto, que a denúncia do caráter inútil da masturbação seja feita através da utilização de um texto de tom bíblico (““ a seiva geradora do homem”), que veicula a ideologia da sexualidade útil e procriadora, defendida pela Igreja e pelo Estado.

“Tinham-no encontrado sozinho, junto a amurada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados (...) No convés brilhava a nódoa de um escarro ainda fresco: Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa-natureza, derramando inutilmente, no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem.” (CAMINHA,55)

O romance tem como espaço central o navio e suas personagens principais marcadas pela ambigüidade: o macho gay, o adolescente e a mulher masculinizada (aquela que seduz, que toma as iniciativas). A associação entre vida marítima e homossexualidade tem um lugar já bastante importante no imaginário gay internacional, de Jean Genet, Kenneth Anger aos desenhos de Tom of Finland, mas em *Bom-Crioulo*, esta associação está longe de uma atmosfera marcada por voyeurismo e culto do corpo que têm nas barbies suas representações máximas na

contemporaneidade. Diferentemente aqui, trata-se de uma história de busca de liberdade.

Podemos perceber que, de início, Amaro liberta-se de sua condição de escravo nas fazendas ingressando-se na Marinha. Após dez anos de trabalho pesado, que na verdade também acaba por constituir uma prisão, Amaro encontra Aleixo, passando a ser o seu protetor e introdutor na vida de marinheiro. Ao mesmo tempo Aleixo desperta em Amaro um novo desejo à sua vida de marinheiro solitário. Esse desejo somente será culminado na Rua da Misericórdia, no pequeno sótão da pensão da portuguesa Carolina, decorado com objetos e móveis de fantasia rococó, “figuras”, cousas sem valor, muitas vezes trazidas de bordo. O pequeno quartinho passa a funcionar como espaço de liberdade para a realização dos seus sonhos de amor.

Em determinado ponto do romance observa-se semelhanças do caráter de Amaro com a visão homossexual gideana. Para Gide, o homossexual é um ser em conflito, indeciso diante de opções morais. As crises de consciência, o sofrimento, o tema da responsabilidade individual face a Deus, são matéria de sua literatura, no que se refere ao sexo. Amaro tentou se relacionar com mulheres, mas mostrou-se um desastroso, contudo não tinha forças para repelir a atração provocada por Aleixo. Logo em seguida acaba conscientizando-se da sua condição homossexual, embora continuem os conflitos.

“Não se lembrava de ter amado nunca ou de haver sequer arriscado uma dessas aventuras tão comuns na mocidade, em que entram mulheres fáceis, não: pelo contrário, sempre fora indiferente a certas cousas, preferindo antes a sua pândega entre rapazes a bordo mesmo, longe de intriguinhas e fingimentos de mulher.” (CAMINHA,24)

“E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens?” (CAMINHA, 24)

“...Agora compreendia nitidamente que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres”. (CAMINHA,32)

Percebe-se perfeitamente a ousadia de Caminha, fazendo de *Bom-Crioulo* uma obra avançada para o seu tempo: Amaro e Aleixo andam de “ braço a braço” na rua e a dona da pensão em que os dois se hospedam, Carolina, aceita Amaro, sem maiores problemas, como não sendo “ homem para mulheres”. E apesar do romance ter aparecido num momento em que a constituição da homossexualidade como doença e crime, nos discursos jurídicos e médicos, pretensamente científicos são difundidos, não há uma afirmação unívoca desse discurso. No romance, trava-se uma luta entre o narrador que nomeia, explica e censura e a frágil voz dos personagens, identificando a relação Amaro/Aleixo como “ delito contra a natureza, “ gozo pederasta”, “ semelhante anomalia”, mas que logra se expressar.

Se *Bom-Crioulo* , como aponta o apelido, é dócil, é apenas porque o animal dentro dele adormece. Não é porque julga ou deixa de julgar; é porque simplesmente submete-se aos apelos da carne. Quando obedece, não é por consentimento voluntário, em função da melhor escolha moral, e quando desafia as leis, não o faz porque as ache injustas ou mesquinhas. Sua transgressão é mera submissão aos mandamentos do instinto. No momento em que foi afastado involuntariamente de Aleixo sonhava “em proceder conforme seu temperamento” e entregar-se ao “ amor físico por uma criatura do mesmo sexo que o seu, extraordinariamente querida, como Aleixo. Numa das crises de ciúme via o “grumete nos braços de outro homem” e pensava tê-lo de volta, “ como dantes, para si unicamente”, e dizia de si para si que “

sentia-se forte ainda para grandes cometimentos, para maiores provas de virilidade, e nenhuma criatura humana, fosse a mais bela de todas as mulheres, conseguiria proporcionar-lhe tanto gozo, tanta felicidade, num só momento, como o Aleixo, o delicioso e incomparável grumete, que era, agora, o seu único desejo, a sua única ambição no mundo. Havia de o possuir, havia de o gozar, como dantes por que não".

"E o pequeno, submisso e covarde, foi desabotoando a camisa de flanela, depois as calças, em pé, colocando a roupa sobre a cama, peça por peça..." (CAMINHA,39)

O desejo voraz e tempestuoso de possuir Aleixo, tornava Bom-Crioulo um obcecado; um joguete. Para Aleixo, Amaro é " uma boa criatura", porém não morria de amores por ele. Amaro passa a ser para Aleixo " o que um animal de estima é para seu dono - leal, sincero, dedicado, chegando ao sacrifício", e por fim, um peso. A complexidade e ambivalências do desejo também se expressam em Amaro, no desejo de " encontrar rapariga de sua cor" e na constatação melancólica: " neste mundo a gente vive enganada"...Quanto mais se estima uma pessoa, mais essa pessoa trata com desprezo".

"___Aleixo ainda o estimaria? Não, com certeza. Se ainda o estimasse, tê-lo-ia procurado, onde quer que ele, Bom Crioulo, estivesse; mas Aleixo nunca mais se importara, desde o dia da separação. Quem sabe? Novos amores..."(CAMINHA,60)

Não podemos nos esquecer de que Amaro se deu todo ao adolescente, a primeira pessoa a invadir a sua privacidade. Na verdade, o fogo do desejo desenfreado de Amaro por Aleixo não era um capricho, a satisfação de um viciado,

não era uma necessidade puramente sexual; era a paixão dominadora e total, que acabou por levá-lo ao mundo dos criminosos.

No Naturalismo, a relação entre criminalidade e homossexualismo, expande-se e reforça a imagem do “homossexualismo” como desejo ou comportamento anti-social. A aparente descrição ou constatação naturalista no fundo nada mais faz do que insinuar que o homossexualismo é isso; é sexo animal, sem freios, vergonha ou moral. Daí em Amaro a paixão só cessar com a morte, passando pela degradação da bebida, da humilhação e da violência de ser surrado em público, que o leva ao hospital, cada vez mais longe da “ liberdade absoluta. Fica claro, portanto, que Amaro é um sofredor por excelência e pelas “emoções esgarçadas” é um solitário , apresentando dificuldades de relacionamento. Apesar de amável, é egoísta, frágil no campo emocional, portador de um caráter bastante inseguro e oscilante. Essa estrutura psicológica permite que esteja, potencialmente, em hostilidade constante para com as pessoas.

III – CONCLUSÃO

Bom-Crioulo é uma história de paixão e morte, porém a crueza com que o tema é tratado deixa claro que não é propriamente um romance sobre o homossexualismo. Nele prevalesce o estudo de costumes sobre a vida dos marinheiros e embarcadiços. O autor, que foi guarda-marinha, conheceu-a bem de perto e transpôs para o livro muito da sua experiência pessoal. Os castigos corporais de chibata, cujas cenas, algumas das melhores passagens do romance, constituíam uma medida disciplinar adotada em nossa marinha de guerra até certa época, o que deu origem, como se sabe, à revolta de João Cândido, o Almirante Negro.

A influência de Eça e Zola é bem visível. Só que o processo de Zola era O Determinismo, no entanto, Caminha nada nos informa sobre as tendências

hereditárias do Bom-Crioulo e do jovem grumete, mas fica claro ambos terem descambado para o homossexualismo pelas condições particulares em que viviam, longe da terra, na vida em comum de bordo. O interesse do livro nos vem, sobretudo, das cenas de costumes, não somente da marinha, mas como de certa zona do Rio de Janeiro cortada pela Rua da Misericórdia.

A originalidade de Bom-Crioulo ainda se manifesta no triângulo amoroso sobre que se sustenta. Triângulo inusitado, já pelas personagens, pelo dinamismo que executam dentro dele: afinal, tradicionalmente o trinômio era composto de dois homens em luta por uma mulher, ou duas mulheres que disputavam o mesmo homem, e sempre brancos, da classe média. No romance, Aleixo e Amaro são marinheiros acima de tudo, mas prisioneiros da marinha e de suas convenções, bem como do vício. A mulher, a portuguesa Carolina, é uma mulher que atua como homem, pois é ela quem conquista o grumete. É dela que parte toda a iniciativa

Respaldado pelas teorias da época e com o propósito de desenvolver uma tese científica; imbuído, portanto, das melhores intenções a favor do sistema que o controlava, é dado a Caminha o direito de poder penetrar nos “ cantos escuros” onde proliferava a sexualidade à margem. É assim que o homossexualismo abertamente enfocado em *Bom-Crioulo,* vai encontrar suas razões nas idéias cientificistas de seu tempo. O homem, biologicamente fadado a satisfazer-se, seria levado a recorrer, em ambientes de carência de presenças femininas, à prática de tais fenômenos “ contra a natureza”. Amaro e Aleixo encontram-se em tais “ condições anormais”, a bordo de um navio de tripulação masculina, e separam-se com a volta de Aleixo à “ normalidade”, quando são desfeitas essas condições, ou seja, quando voltam à terra .

A tese de Caminha cifra-se em que o homem é essencialmente mau, ou acaba sendo, como Amaro, sempre que o “ meio” lhe coage as ações, de natureza instintiva.

Ousado na concepção e na execução, forte e dramático, humano e verdadeiro, é , um dos pontos altos da nossa literatura e o tipo Amaro , Bom-Crioulo, o mais singular da nossa ficção.

BIBILIOGRAFIA

ARIÈS, Pilippe - *Reflexôes sobre a história da homossexualidade.In-Sexualidades Ocidentais.* São Paulo: Brasileiense, 1985, p.78 a 92.
AZPITARTE, Eduardo López. *Ética Sexual- masturbação, homossexualismo e relações pré-matrimoniais. Edições Paulinas, São Paulo, 1991.*
BRANCO, Lúcia Castelo. *Eros Travestido*, *um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro. Editora UFMG- Belo Horizonte- MG, 1985.*
CARRION, Carlos Eduardo PESCA,Lúcia. *O sexo como o sexo é - Mitos e Desmitificação.* Editora Sulina, Porto Alegre, 3ª edição, 1998.
CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. Série Bom Livro- Editora Ática, São Paulo, 1983.
COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício.Estudos sobre o Homoerotismo.* Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1992, 3ª edição.
COUTINHO, Afrânio.*A Literatura no Brasil. Era realista. Era de travessia.*José Olympio Editora em co-edição com a Universidade Federal Fluminense-UFF-Rio de Janeiro, 1986.
FOUCAULT, Michel*. A mulher/ os rapazes: História da Sexualidade* (extraído da História da Sexualidade V.3; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder;* organização e tradução e Roberto Machado – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 12ª edição. 1996.
GAY, Peter- *Freud para historiadores*; tradução de Osmyr Faria Gabbi Júnior – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
GRANATO, Fernando. *O negro da Chibata- O marinheiro que colocou a República na mira dos canhões*. Editora Objetiva , 2000.
MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de Ficção: de 1870 a 1920.* 3ª ed. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio /INL, 1973.
MONTELLO, Josué, ed. *A ficção naturalista*. Editado por Afrânio Coutinho. 3ª ed. Vol. IV, *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro/Niterói: José Olympio/ EDUFF, 1986.
RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de Papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis.* Niterói: EDUFF(Editora da Universidade Federal Fluminense), 1996.
Internet – http:// www.nyu.edu/classes/yudice//democrat/lopes.htm –26.11.01
Idem – http://www.editoranucleo.com.br/sladolfo.htm – 10.01.02
Idem – http://www..infoloides.com.br/tcc/caminha.htm –01.01.02
Idem http://www.j.freirecosta.hpg.ig.com.br/Ciência-e-.../homossexualismo-homoerotismo.htm- 13.01.02